

Três micromonólogos de Sebastián Huber¹

SEBASTIÁN HUBER

RAFAELA SCARDINO (TRADUTORA)

■ 296

Sebastián Huber é dramaturgo, diretor e professor. Graduado em Teatro pela Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, realizou mestrado em Estudos Teatrais na Universidad Autónoma de Barcelona e residência artística na Université Sorbonne Nouvelle. Atou como diretor teatral na Argentina e na Espanha. Sua primeira obra dramática, "48 entre 11 y 12. Conmoriencia", foi premiada em 2007. Em 2012 foi premiado no 1º Concurso Nacional de Micro Monólogos com o texto "Mimos de perro subterráneo" e, em 2013, recebeu a Bolsa para Escritores do Fondo Nacional de las Artes. Como fruto dessa bolsa, escreveu e encenou "Especie", obra traduzida para o português por Rafaela Scardino e publicada no âmbito do Programa Sur de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina.

Rafaela Scardino é doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Professora de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente no seguinte tema: narrativa contemporânea, deslocamento, experiência e comunidades.

¹ O texto Monólogo Obligado foi traduzido por Scardino e publicado na Revista Percevejo, da UNIRIO, em 2015. Optamos por publicá-lo novamente, junto aos demais, por considerarmos importante esta oportunidade de disponibilizar o conjunto dos micromonólogos, os quais são representativos de uma fase de transformação poética na obra de Sebastián Huber. (N. da E.)

■ RESUMO

Tradução de três micromonólogos do dramaturgo argentino Sebastián Huber, intitulados “Confissão”, “Pantomimos de cachorro subterrâneo” e “Monólogo obrigado”. Nestes textos, o autor dá a ver o cinismo corrosivo que permeia relações sociais através de agudo humor negro. Um homem que se vinga, um mímico tagarela e uma mulher que visita um amante do passado nos mostram, mordazes, os (des)limites do cuidado com o outro em nossos tempos.

■ PALAVRAS-CAVE

Dramaturgia argentina, dramaturgia contemporânea, monólogos.

■ ABSTRACT

Translation of three micro monologues by the Argentine playwright Sebastián Huber, titled “Confession”, “Pantomime by an underground dog” and “Obliged Monologue”. In these texts, the author shows the corrosive cynicism that permeates social relations through poignant dark humor. A man who takes revenge, a chattering mime, and a woman who visits a lover from the past, show us, caustically, the limits of civilization in our times.

297 ■

■ KEYWORDS

Argentine dramaturgy, contemporary dramaturgy, monologues.

Confesión

(Está cavando en la arena. Se oye el viento, se oyen las olas)

MR. Y - Es cierto entonces, lo que no dicen los folletos, lo que igual se sabe. La gente viene a pasar un tiempo a estos lugares desolados, a desconectar, a alejarse de la realidad. ¿Cómo hacés? Como los soldados yankees después del servicio, que se pasan unos meses de reviente en Tailandia comiendo pibitos. ¿Cómo te llamas vos? ¿Tenés hambre? En Tailandia hay hambre, el que va con guita consigue cosas que ni te imaginás. Lo que se te ocurra conseguís, de quien se te ocurra. No tengo comida, no, pero podés morder un cachito de acá, dale. Te corto. ¿Qué, no te gusta la carne cruda? (Sigue cavando) No voy a hacer un fuego, no puedo hacer bandera. Dale, comé, mierda. Bueno, jodete. Queda acá, mirá, hasta que termine con el pozo. Está dura la arena; mejor. Hasta acá no llega el agua... ni en pedo. Tengo que seguir. ¿A vos te abandonaron? Seguro, esos turistas que usan un animal y después lo dejan, como si fuera un salvavidas de plástico. Yo soy un salvavi-

das ahora. Sí señor. Che, si no comés, podés vigilar que no venga nadie, ¿no? ¿Sos guardián o no? ¿Cómo te voy a poner? Y a éste, ¿cómo lo voy a poner? Es cierto lo que dicen los folletos, acá no anda ni Dios. Mejor. Mañana pago y me vuelvo a casa. El hotel ya va a cerrar, esto es fin de temporada. ¡Si hoy el sauna ya estaba casi desierto! Yo adentro, y este gil que hablaba con otro, y va y le dice. Yo, adentro, ni “mu”. *Good morning* les había dicho cuando entré, no me gusta que me reconozcan. Pero yo sí, los cazo al vuelo, ese acento inconfundible. El otro, ni idea, un putito caribeño. Claro, ¡qué iba a saber! Y yo, con el *good morning* que tiré... Y este que va y le dice “Sí, yo hace casi 30 años que vivo afuera.... desde que la cosa se puso difícil en mi país” (*Sigue cavando en la arena*) ¡Y el otro, nada, qué iba a decir, si tenía la boca llena! ¿En serio no querés comer? Te corto un cachito de acá si querés. Está fresquito todavía. Tomá. (*Cava*) Bueno, la cosa es que yo saco cuentas en silencio y me daba justito. El bigote era de bufarreta, sí, pero no solamente. ¡Un descarado! Le suelta muy tranquilón que 29 años, “...vos ni habrías nacido nene” y le llena toda la boca. ¡Se fue en el 84, entendés! Me enloquecí en el sauna, salí y les dije *good bye* y lo esperé afuera, y lo seguí hasta que se descuidó. Eso a la tardecita, si ya no hay nadie, y acá estamos, ¿quién nos va a ver? Un perrito abandonado nomás, pobrecito, qué gente chota que se viene de viaje y abandona las mascotas, hay que ser desalmado... (*Se detiene, cansado*) Ya está, con este agujero ya estamos. Acá el mar no llega ni loco. ¿Y vos? ¿Qué hago con vos? No te puedo dejar acá, yo no te voy a abandonar. ¡Me vas a deschavar después! Comete eso, dale, mientras pienso. No te puedo llevar conmigo en el avión. Me da una lástima... Eso, coma, coma. Hago un poco más profundo, por las dudas. Perdoname perro, ni nombre te puse, pero es que si me encariño después no voy a poder. Perdoname. (*Palazo y apagón*)

Confissão

(*Está cavando na areia. Escuta-se o vento, escutam-se as ondas*).

MR. Y — É certo, então, o que dizem os folhetos, o que se sabe. As pessoas vêm passar um tempo nesses lugares desolados, desconectar, distanciar-se da realidade. Como se faz? Como os soldados ianques depois do serviço, que passam uns meses de folga na Tailândia comendo molequinhos. Como você se chama? Está com fome? Na Tailândia há fome, quem vai com grana consegue coisas que você nem imagina. O que você imaginar, consegue, de quem imaginar. Não tenho comida, não, mas pode morder um pedacinho daqui, anda. Eu corto. O que, você não gosta de carne crua? (Continúa cavando) Não vou fazer fogo, não posso dar bandeira. Anda, come, merda. Bom, foda-se. Fica aqui, olha, até que termine a cova. Está dura a areia; melhor. A água não chega a aqui... nem fodendo. Tenho que continuar. Te abandonaram? Com certeza, esses turistas que usam um animal e depois o deixam, como se fosse um colete salva-vidas. Eu sou um salva-vidas agora. Sim, senhor. Tchê, se você não come, podia vigiar para que não venha ninguém, não? É um cão de guarda ou não? Qual nome boto em você? E este aqui, como boto ele? É certo o que dizem os folhetos, por aqui não anda nem Deus. Melhor. Amanhã pago e volto para casa. O hotel já vai fechar, este é o fim da temporada. Se hoje a sau-

na já estava quase deserta! Eu lá dentro, e esse babaca que falava com o outro, e vai e diz. Eu lá dentro, nem um pio. *Good morning* disse quando entrei, eu não gosto que me reconheçam. Mas eu sim, peguei no ar, esse sotaque inconfundível. O outro, sem noção, um viadinho caribenho. Claro, o que ele ia saber! E eu, com o *good morning* que mandei... E este vai e diz “Sim, faz quase 30 anos que vivo fora... desde que a coisa ficou complicada no meu país”. (*Continua cavando a areia*) E o outro, nada, que ia dizer se tinha a boca cheia! Sério que você não quer comer? Eu corto um pedacinho, aqui, se você quiser. Ainda está fresquinho. Toma. (*Cava*) Bom, a coisa é que eu fiz as contas em silêncio e me saiu justinho. O bigode era de maricon, sim, mas não só isso. Um descarado! Muito tranquilamente solta que 29 anos, “... você nem tinha nascido, menino” e enche a boca dele. Se foi em 84, entende!? Fiquei louco na sauna, saí, disse *good bye* e esperei por ele lá fora, e o segui até que se descuidou. Isso de tardezinha, quando já não há ninguém, e aqui estamos, quem vai nos ver? Um cachorrinho abandonado, só isso, pobrezinho, que gente escrota que viaja e abandona os animais de estimação, tem que ser desalmado... (*Para, cansado*) Já está bom, com este buraco está bom. Aqui o mar não chega de jeito nenhum. E você? O que faço com você? Não posso te deixar aqui, eu não vou te abandonar. Depois você vai me caguetar! Come isso, anda, enquanto eu penso. Não posso te levar comigo no avião. Me dá pena... Isso, come, come. Faço um pouco mais fundo, por via das dúvidas. Me desculpa, cachorro, nem nome te dei, mas é que se eu me apego depois não vou conseguir. Me desculpa. (*Paulada e apagão*)

Mimos de perro subterráneo

Camiseta blanca con finas rayas horizontales en negro, tiradores rojos; guantes blancos y cara pintada, chorreante. Ojos grandes, una lágrima. Las limosnas propinas. Secuencia mimosa. Él se debate entre el trabajo y la verborragia. A público.

Mimo: Qué bonita canción que es “Pet sematary” de Los Ramones. Ideal para viajar en subte. (*Tiempo. Hace como que va agarrado en el subte, los movimientos y todo; construye. Hasta el ruido insoportable de las vías nos hace sentir con sus mimos. Intenta narrar, pero se sabe la del vidrio, la de la soga y nada más. Entonces habla y, cuando puede, mete gestos.*) Veo venir un perro; me saco los auriculares y escucho “... claro, y a mí, que me culeen”. ¡Juá juá, cómo están estos Ramones! Dice “... que me culeen”, otra vez. (*Pausa grave*) Yo apago la música. “¡Que me culeen!”, ya en voz alta. ¡Ahhhh, no, es una chica down! (*Clown que cae en secuencia cómica con un telescopio imaginario*) Debe tener unos 25 años. O tiene 40, es igual. Y va con otros, parecidos a ella. Un grupo. Parada. ¿Se olvidan de darles la pastilla anti libido? Bajamos en la misma estación, los veo juntarse. Escruto. Así. Entonces me doy cuenta de que no llevan un guía, un normal, sino que el que coordina es uno de ellos, que es algo así como “el menos down”. (*Mimo secuencia de algo mecánico*) Solos. ¡Claro!, les dan esa responsabilidad como forma de integración a la sociedad normal, y yo deduzco -mientras el subte se va y me pregunto si ir para Retiro o hacia el otro lado- que no hay un “hasta acá” y un “desde acá” bien marcados de

monguez y límite, (*Se choca con gente*) sino que se trata de un continuo, y que del menos tonto de ellos al vigilante vestido de fosforescente con su perro lo que hay es poca cosa. ¿Y yo, dónde estoy? ¡Póngan monedas, carajo! Le arranco un pelo, hago un análisis de ADN instantáneo, por mi cuenta, ahí mismo, y obtengo que de diferencia hay una macana y un silbato. “¡Guau!”, pienso, y el perro me mira. Y yo miro al perro. Y la chica sigue con su “Que me culeen”, que en la repetición ya parece menos una queja que un deseo ardiente de perro. Voy y le pido permiso al vigilante para liberar al perro, para darle voz en todo esto, y ponerle el bozal a la chica antes de que alguien le haga caso y todo se vaya a la mierda, pero él me mira como con ganas de morderme y se lleva la mano a la macana. Ya me imagino una orgía en plenas vías, iguau!, pero justo en eso el guía semitonto señala dirección Constitución, yo me sumo y para ahí nos vamos todos. No pasó nada. Todo sigue igual de bien. Guau. Que le den masa de una vez. ¡Hey, les voy a enseñar a cantar una bonita canción! “Yo no quiero que me entierren en este cementerio de animales”. ¡Cantemos todos, vamos, no sean tontos, hagamos oír nuestras voces!

■ 300 **Pantomimos de cachorro subterrâneo**

Camiseta branca com finas listras horizontais negras, suspensórios vermelhos; luvas brancas e cara pintada, pingando de suor. Olhos grandes, uma lágrima. As gorjetas que são esmoladas. Sequência de mímica. Ele se debate entre o trabalho e a verborragia. Ao público.

MÍMICO: Que música bonita é “Pet sematary” dos Ramones. Ideal para andar de metrô. (*Tempo. Faz como se estivesse agarrado no metrô, os movimentos e tudo; constrói. Até o ruído insuportável das vias nos faz sentir com sua mímica. Tenta narrar, mas sabe a do vidro, a da corda e nada mais. Então fala e, quando pode, mete gestos*) Vejo vir um cachorro; tiro os fones e escuto “... claro, e a mim que me enrabem”. Há, há, esses Ramones! Diz “... que me enrabem”, outra vez. (*Pausa grave*) Eu desligo a música. “Que me enrabem!”, já em voz alta. Ahhhh, não, é uma garota down! (*Clown que cai numa sequência cômica com um telescópio imaginário*) Deve ter uns 25 anos. Ou tem 40, dá na mesma. E vai com outros, parecidos com ela. Um grupo. Parada. Se esqueceram de dar a eles o comprimido antilíbido? Desce-mos na mesma estação, vejo eles se juntarem. Escruto. Assim. Então me dou conta de que não têm um guia, um normal, mas que o que coordena é um deles, que é algo assim como “o menos down”. (*Sequência mímica de algo mecânico*) Sozinhos. Claro!, dão a eles essa responsabilidade como forma de integração à sociedade normal, e eu deduzo — enquanto o metrô se vai e me pergunto se ir para Retiro ou para o outro lado — que não há um “até aqui” e um “a partir daqui” bem marcados entre mongolice e limítrofe, (*choca-se com gente*) mas que se trata de um contínuo, e que do menos tonto deles ao vigilante vestido de fosforescente com seu cachorro o que existe é pouca coisa. E eu, onde estou? Coloquem moedas, caralho! Arranco um fio do cabelo dele, faço uma análise de DNA instantânea, por minha conta, aí mesmo, e descubro que a diferença é um cassetete e um apito. “Uau!”, penso, e o cachorro me olha. E eu olho o cachorro. E a garota segue com

seu “*Que me enrabem*”, que na repetição já parece menos uma queixa que um desejo ardente de cadela. Vou e peço permissão ao vigilante para liberar o cachorro, para dar a ele voz em tudo isso, e colocar a focinheira na garota antes que alguém a atenda e tudo se vá à merda, mas ele me olha como com vontade de me morder e leva a mão ao cassetete. Já imagino uma orgia em plenas vias, uau!, mas justo nesse momento o guia semitonto aponta a direção de Constitución, eu me junto e para aí vamos todos. Não aconteceu nada. Tudo segue igualmente bem. Uau. Que lhe metam o cacete de uma vez. Ei, vou ensinar uma música bonita pra vocês! “*Eu não quero que me enterrem num cemitério de animais*”. Cantemos juntos, vamos, não sejam tontos, vamos fazer ouvir nossas vozes!

Monólogo obrigado

Hospital. El salón, vacío, tiene diez metros de ancho por quince de profundidad. En el centro están los zapatos de Analía, prolijamente acomodados, negritos. Tiene unos treinta y seis años y camina llevando de paseo a un hombre que está en silla de ruedas. Él parece de su misma edad, pero mal conservado. Unos aparatos le sostienen la cabeza. Ella lo pasea bordeando las paredes, cerca de los ventanales, para poder ver hacia afuera, para poder disfrutar del paisaje. El piso del lugar es de goma, la iluminación fluorescente. Analía viste medias verdes y sus pasos no se oyen. Cada tanto, una rueda chirría.

Analía: *(Detiene el paseo, hace una pausa, lo mira)* Vamos a cambiar, ahora para el otro lado, vamos a girar en sentido antihorario. Un reloj al revés, como retrocediendo el tiempo. Despacito... Ahí va. *(Gira y sigue con el paseo)* Para variar. Vas a ver lo mismo, pero al revés. Para mí es un ejercicio, un gasto energético; después te cuento. Vamos para un lado... vamos para el otro. ¿Sentís el calorcito? ¿Sentís el sol en la cara? Como en la playa, ¿te acordás? *(Llegan al lugar desde donde habían arancado)* Una vuelta, un año. Y seguimos, como el tiempo, que siempre sigue. No sé si entenderás, porque siempre fuiste un poco duro de cabeza. Pero no tanto, al final no la tenías tan dura... *(Pausa)* Dicen que no escuchás, que no te llega nada, pero yo te hablo igual. Como a Dios. No necesito que me contesten, ni vos ni Él. Pero vos no estás en todos lados. No. Por suerte estás acá y en ningún otro lado. Otra vuelta, ¡cómo se pasa el tiempo! Ahora hace dos años, más o menos cuando nos fuimos con tu familia a las sierras. *(Pausa)* ¿Nunca vienen, no? Al final, tanto que me criticaban, soy la única que viene. Tu vieja, cuando el accidente, no se movía del asiento en el pasillo, día y noche. Pero después se fue enfriando. Ya ni viene. Ya sé que no te gusta escuchar eso, pero yo te tengo que contar. Te tendría que contar tantas cosas... Mirá, vos, si sentís algo, alguna emoción... algún dolor, hacé-melo saber. Como se le dice a los espíritus en las sesiones, “házme saber si estás ahí”. De qué manera, no sé; inventá algo. Podría ser un cambio en el babeo. Eso, hagamos así: si babeás mucho es que... ¿qué significa? Tenemos que generar un código. Uy, se te secaron los ojos otra vez *(Para. Le pone gotitas en los ojos. Sigue)* Parece que estuvieras llorando. ¡Y dale con lo mismo! No llores. Mirá el paisaje, las plantas, qué bonito. Para mí es ejercicio. Tengo que hacer un poco de ejercicio. Te habrás dado cuenta de la pancita, ¿no? Camino y refuerzo los músculos de la pel-

vis, que los voy a necesitar para el parto. Ya dimos tres vueltas, cumplimos tres años. Si me preguntaras ahora si quiero casarme con vos te diría que no, te diría: "No, mirá, dentro de tres años voy a estar embarazada paseándote por una sala de hospital hablándote como a una planta, o como a Dios, pura retórica, una confesión antes de no verte la jeta nunca más." ¿Pero cómo lo iba a saber? ¡Yo adivina no soy! ¿Vos, sos adivino? ¿Sos Dios? ¿Sos un espíritu? ¿Una planta? (*Se detiene otra vez, gira y arranca rápido en sentido horario*) Vamos al presente, que me tengo que ir, en tres vueltas me voy. Tengo muchas ganas de mear. ¿Y? ¡Decime algo! Una babita de más aunque sea, una señal. ¿Querés saber de quién es? (*Le habla al oído*) No llores, que me parte el corazón. Falta una vueltita y ya llegamos al hoy. Eso, muy bien, muy bien. Calladito.

(Cumple la vuelta que faltaba, lo lleva hasta el centro del lugar, se pone los zapatos, se arrodilla frente a él. Lo besa en la boca, se queda mirándolo de cerca. Él babea. Después ella se incorpora, se pone tres gotitas en cada ojo y llama a la enfermera, que llega, la compadece y se queda con Él. Analía sale, secándose)

Monólogo obrigado

Hospital. O salão, vazio, tem dez metros de largura por quinze de profundidade. No centro estão os sapatos de Analía, prolixamente acomodados, pretos. Tem uns trinta e seis anos e caminha levando para passear um homem que está numa cadeira de rodas. Ele parece ter a mesma idade que ela, mas malconservado. Uns aparelhos sustêm a sua cabeça. Ela passeia com ele margeando as paredes, perto das janelas, para poder ver lá fora, para poder aproveitar a paisagem. O piso do lugar é de borracha, a iluminação fluorescente. Analía veste meias verdes e seus passos não se escutam. De tempos em tempos uma roda chia.

ANALÍA: (*Detém o passeio, faz uma pausa, olha para o homem*) Vamos mudar, agora para o outro lado, vamos girar em sentido anti-horário. Um relógio ao contrário, como que retrocedendo no tempo. Devagar... Agora vai. (*Gira e continua com o passeio*) Para variar. Você vai ver o mesmo, mas ao contrário. Para mim é um exercício, um gasto energético; depois te conto. Vamos para um lado... vamos para o outro. Você sente o calorzinho? Sente o sol no rosto? Como na praia, você se lembra? (*Chegam ao lugar de onde haviam começado*) Uma volta, um ano. E seguimos, como o tempo, que sempre segue. Não sei se você vai entender, porque sempre foi um pouco cabeça dura. Mas não tanto, afinal ela não era tão dura... (*Pausa*) Dizem que você não escuta, que não te chega nada, mas eu falo com você da mesma maneira. Como com Deus. Não preciso que me respondam, nem você nem Ele. Mas você não está em todos os lugares. Não. Por sorte está aqui e em nenhum outro lugar. Outra volta, como passa o tempo! Agora faz dois anos, mais ou menos quando fomos com a sua família para a serra. (*Pausa*) Eles nunca vêm, não? Por fim, tanto que me criticavam, sou a única que vem. Tua velha, quando aconteceu o acidente, não se movia da cadeira do corredor, dia e noite. Mas depois foi esfriando. Já nem vem. Já sei que você não gosta de escutar isso, mas eu tenho que te contar. Teria que te contar tantas coisas... Olha, se você sente algo, alguma

emoção... alguma dor, me deixe saber. Como se diz aos espíritos nas sessões, “deixe-me saber se estás aí”. De que maneira, não sei; invente algo. Poderia ser uma mudança na baba. Isso, façamos assim: se você baba muito é porque... o que significa? Temos que criar um código. Ui, seus olhos secaram outra vez *(Para. Põe colírio nos olhos dele. Continua)* Parece que você esteve chorando. E pare com isso! Não chore. Olhe a paisagem, as plantas, que bonito. Para mim é exercício. Você já se deu conta da barriguinha, não? Caminho e reforço os músculos da pélvis, que vou precisar deles para o parto. Já demos três voltas, completamos três anos. Se você me perguntasse agora se quero me casar com você, te diria que não, te diria: “Não, olha, dentro de três anos vou estar grávida passeando com você por uma sala de hospital, falando com você como a uma planta, ou como a Deus, pura retórica, uma confissão antes de não ver a sua cara nunca mais”. Mas como eu ia saber? Não sou adivinha! Você, é adivinho? É Deus? É um espírito? Uma planta? *(Detém-se outra vez, gira e se move rápido no sentido horário)* Vamos ao presente, que tenho que ir, em três voltas vou embora. Estou com muita vontade de mijar. E? Me diz alguma coisa! Uma babinha a mais, que seja, um sinal. Quer saber de quem é? *(Fala no ouvido dele)* Não chore, que me parte o coração. Falta uma voltinha e já chegamos ao hoje. Isso, muito bem, muito bem. Caladinho. *(Termina a volta que faltava, o leva até o centro do lugar, coloca os sapatos, ajoelha-se em frente ao homem, fica olhando para ele de perto. Ele baba. Depois ela se levanta, coloca três gotas do colírio em cada olho e chama a enfermeira, que chega, a consola e fica com ele. Analía sai, enxugando-se)*

303 ■

Recebido em: 06/10/2015 - Aprovado em: 28/12/2016